

Ateísmo

Gordon Haddon Clark

Ateístas são pessoas que afirmam que não existe nenhum Deus. Eles podem dizer que átomos ou suas partes componentes no espaço constituem a soma total de toda realidade. Seja qual for a análise, essas pessoas afirmam que a realidade física finita é tudo o que existe — que não há nada mais. Há diversas divisões nesse grupo. Um grupo historicamente proeminente são os Positivistas Lógicos. Por uma análise de linguagem, eles concluem que teologia não é tanto falsa quanto é claramente absurda. Para eles, falar de Deus é como falar que a máquina de escrever tem um som azul-esverdeado da raiz quadrada de menos um. Teologia não é boa o suficiente para ser falsa; ela é simplesmente absurda. Outros devotos do cientismo não são Positivistas Lógicos. Suas teorias são chamadas de naturalismo ou humanismo, e eles chamariam a teologia de falsidade obstinada. Vários liberais e ateus políticos, e frequentemente seu credo socialista, atacam a teologia como um obstáculo reacionário ao avanço social.

Panteísmo e Agnosticismo

É instrutivo distinguir entre duas formas de ateísmo, pois a segunda forma, o panteísmo, tem a aparência de crer muito em Deus. Ele de fato afirma a existência de Deus, e a teoria pode ser chamada de teologia. Essas pessoas não querem ser conhecidas como ateístas ou como irreligiosos. Mas eles definem Deus como tudo o que existe. Spinoza usou a frase *Deus sive Natura*: “Deus, quer dizer, Natureza”. Alguns podem usar o termo Ser Puro, ou a frase do teólogo Paul Tillich: “O Fundamento de Toda Existência”. Assim, Deus é o próprio universo. Ele não é o seu Criador. Visto que eles dizem que Deus é Tudo, essas pessoas são chamadas de panteístas.

Logicamente não há diferença entre ateísmo e panteísmo. Negar que existe um Deus e aplicar o nome Deus a todas as coisas, são conceitualmente a mesma coisa. Por exemplo, é como se eu afirmasse a existência de um Grumpstein e tentasse prová-lo apontando para girafas, estrelas, cadeias de montanhas, e livros: juntos eles formam um Grumpstein, eu diria, e assim um Grumpstein existe. Os panteístas apontam para girafas, estrelas e assim por diante, e dizem: então Deus existe. Aqueles que negam à Deus — ateístas — e aqueles que dizem que Deus é tudo — panteístas — estão afirmando que nada além do universo físico é real. Na linguagem cristã, e nas linguagens comuns ao redor do mundo, Deus é tão diferente do universo como uma estrela é diferente de uma girafa e ainda mais.

Há realmente outra forma de ateísmo, embora os próprios aderentes possam se opor fortemente a serem chamados de ateístas. Tecnicamente eles não são ateístas, embora eles possam ser também. Esses são os agnósticos. Eles não afirmam que existe um Deus, nem afirmam que não existe nenhum Deus; eles simplesmente dizem que não sabem. Eles reivindicam ignorância. Ignorância, contudo, não é uma teoria que alguém possa argumentar. Ignorância é um estado individual de mente. Não é requerido que uma pessoa ignorante prove por argumentos sábios que ela é ignorante. Ela simplesmente não sabe. Tal pessoa precisa ser ensinada.

Provavelmente, a maioria das pessoas nos Estados Unidos é ateuista de algum tipo. Se alguém lhes perguntasse, provavelmente diriam que crêm em Deus. Mas elas podem também não crer em Deus para todo o bem que elas fazem. A menos que alguém mencione Deus para elas, elas nunca pensam nele; elas nunca oram a ele; ele nunca entra nos planos e cálculos diários delas. Suas vidas, mentes e pensamentos são essencialmente não diferentes das vidas de ateístas e agnósticos. Eles são “ateus praticantes”.

O Argumento Ateísta

O leitor desse artigo pode esperar encontrar uma refutação direta do ateísmo. Mas ele pode ser desapontado, pois a situação é de certa forma complicada. Em primeiro lugar, uma pessoa pode acusar o ateísta de nunca ter provado que o universo físico é a única realidade e que não existem seres sobrenaturais. Isso seria satisfatório, se o termo ateísmo significasse a negação argumentada de uma Divindade. Mas ateístas, como agnósticos, transferem o peso da prova e dizem que o teísta está sob obrigação de demonstrar a verdade de sua visão; mas o ateísta não se considera sob tal obrigação. Ateístas usualmente vão para frente e para trás. Todavia, Ernest Nagel, que pode ser chamado de um naturalista na filosofia, parece argumentar: “a ocorrência de eventos [ele quer dizer todo e qualquer evento sem exceção]... é contingente à organização de corpos localizados espaço-temporalmente... Que isso é assim é uma das conclusões melhores testadas da experiência... Não há lugar para um espírito imaterial dirigir o curso de eventos, nenhum lugar para a sobrevivência da personalidade após a corrupção do corpo que a exhibe”.

Essa é uma declaração ateísta, não agnóstica. Ele argumenta que a ciência provou a não-existência de Deus, mas o argumento é inválido. Nenhum cientista jamais produziu qualquer evidência de que o intelecto do homem cessa de funcionar na morte. Visto que seus métodos não descobriram nenhum espírito, Nagel assume que não pode existir nenhum. Ele recusa questionar seus métodos. O ateísmo não é uma conclusão desenvolvida por seus métodos; antes ele é a suposição sobre a qual seus métodos são baseados.

O agnóstico, contudo, não é tão dogmático. Ele transfere o peso e demanda que os teístas provem que um espírito onipotente criou e agora controla o universo. Esse é realmente um desafio, e é um que o cristão tem a obrigação de enfrentar. Nenhum cristão com habilidade intelectual pode se escusar reivindicando que a teologia é minúcia inútil. Pedro os advertiu de outra forma. Os “ateístas praticantes” são realmente agnósticos, e devemos pregar o Evangelho para eles — e que o Deus onipotente reina é uma parte do Evangelho. Mas eles respondem: “Como você sabe que existe algum Deus?” Um cristão que não conhece teologia está mal equipado para responder essa questão. Como é possível conhecer Deus? Ele é apenas um transe, um pressentimento, uma experiência extática? Ele é tão transcendente que não podemos conhecê-lo nem falar sobre ele? Ele não é tão transcendente? Note que o apologista cristão, isto é, o evangelista cristão, deve ter uma concepção decentemente clara de Deus antes que ele possa satisfazer seus inquiridores. Ele deve ser versado em teologia.

A Resposta Errada

Agora, a resposta à mui pertinente questão do agnóstico é muito complexa, e o leitor não deve esperar algo simples. Além do mais, a resposta dada aqui parecerá

insatisfatória e desapontante para alguns cristãos muito honestos. Por essas razões a presente resposta ao agnosticismo começará com uma explicação de como não responder a questão. Se isso parece uma forma enfadonha e cheia de rodeios, e o não-teólogo impaciente queira resultados imediatos, deve ser apontado que a escolha inicial entre duas estradas determina o destino. Escolha a estrada errada e termine perdido e confuso. Lembre-se do cristão de Bunyan¹ e como ele se deparou com duas estradas, tentando ver qual era a correta. Então adiante um peregrino escuro, com uma túnica branca, apontou para ele, com grande confiança, que a estrada cristã deveria ser tomada. Ela termina quase em desastre. Portanto, devemos começar apontando a estrada errada.

Agora, eu não desejo dizer que aqueles que recomendam a estrada errada no presente assunto estão elogiando enganadores cujas túnicas brancas são disfarces hipócritas. Pelo contrário, um grande número de autores respeitáveis e honestos, de Aristóteles a Charles Hodge e Robert Sproul, insiste que a melhor, e de fato a única, forma de provar a existência de Deus é estudar o crescimento de uma planta, o caminho de um planeta, o movimento de uma bola de gude. Eles suportam esse aparentemente método secular citando Salmo 19:1 — “Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento manifesta a obra de sua mão”. Portanto, devemos estudar astronomia para refutar o ateu e instruir o agnóstico. Paulo diz que a onipotência de Deus pode ser deduzida a partir da forma como um pequeno garoto lança uma bola de gude — uma coisa que tem sido feita. Alguns romanistas partidários se orgulham do fato de Paulo ter previsto e colocado seu selo de aprovação no argumento aristotélico de Tomás de Aquino.

Há duas dificuldades com essa recomendação entusiástica. A primeira não é conclusiva, mas aqueles que aprovam o argumento devem prestar atenção a ela. A dificuldade é sua dificuldade: ele é um método muito forçado. A segunda dificuldade é a sua inutilidade virtual.

A primeira dificuldade — evidência inconclusiva e um método forçado de se provar — pode ser mais bem tratada com uns poucos exemplos. Suponha que peguemos um microscópio e examinemos o floema interno da *Lycopersikon esculentum*. A botânica é pior do que a teologia em seu uso de palavras longas e técnicas. Nós conseguimos um claro retrato da estrutura interna de uma planta, mas não podemos descobrir Deus por uma olhada detalhada e microscópica num tomate. Se observarmos cuidadosamente o movimento dos planetas, veremos que o quadrado dos seus tempos periódicos é proporcional à sua distância média do Sol. Se tivermos sucesso em adquirir essa informação, podemos concluir que Deus é um grande matemático e que a salvação depende do entendimento da matemática. Essencialmente, isso é o que as antigas escolas filosóficas gregas de Pitágoras diziam. Eles criam que uma vida feliz após a morte era a recompensa de se estudar aritmética e geometria.

Pessoas sustentam uma visão de certa forma similar hoje ao pensar que todos os problemas desse mundo podem ser solucionados pela ciência. Mas diferentemente dos pitagoranos, os contemporâneos não crêem numa vida após a morte, nem pensam que as leis da astronomia podem provar que existe um Deus. Mudar suas mentes deduzindo a existência de Deus a partir das leis da ciência seria extremamente difícil e talvez impossível. Se por algum outro método conhecermos primeiramente que existe um Deus, o estudo da astronomia poderia nos mostrar que ele é um matemático. Mas teríamos que conhecer a Deus primeiramente.

¹ Nota do tradutor: *O Peregrino*. John Bunyan. Coleção *A Obra Prima de Cada Autor* - Série Ouro Editora Martin Claret.

Contudo, o mero fato de que um argumento é difícil e complexo não prova que ele seja uma falácia. Geometria e cálculo podem levar estudantes ao desespero, mas os teoremas são usualmente considerados como deduções válidas. Ao contrário, quando alguém examina o argumento como Tomás de Aquino realmente o escreveu, falhas graves aparecem. Em outra obra, eu detalhei algumas das falácias de Tomás. Um delas é um caso de circularidade, no qual ele usa como uma premissa uma conclusão que ele deseja provar. Outro é o caso de um termo ter um significado nas premissas e um significado diferente na conclusão. Nenhum silogismo pode ser válido se a conclusão contém uma idéia que já não esteja nas premissas.

A conclusão, portanto, é: O assim chamado “argumento cosmológico” não é apenas extremamente difícil — visto que se requer uma grande quantidade de ciência, matemática e filosofia para prová-lo — mas ele é inconclusivo e irremediavelmente falacioso. Essa não é uma forma de responder aos ateístas.

A segunda dificuldade é que, mesmo que tal argumento fosse válido, ele seria inútil. Essa objeção se aplica mais aos autores modernos do que a Aristóteles. A noção de deus de Aristóteles era totalmente clara: o Primeiro Motor Não Movido, pensamento pensando pensamento; e essa mente metafísica tinha um papel definitivo na explicação do fenômeno natural. Mas o deus dos empiristas contemporâneos parece não ter nenhuma função; principalmente porque o significado que eles atribuem à palavra Deus é extremamente vago.

Como exemplos desses argumentos, alguém pode mencionar o *Experience of God* [Experiência de Deus] do Professor de Filosofia de Yale, John E. Smith; *How Philosophy Shapes Theology* [Como a Filosofia Molda da Teologia] de Frederick Sontag; uns poucos anos antes Geddes MacGregor, de Bryn Mawr, publicou o *Introduction to Religious Philosophy* [Introdução à Filosofia Religiosa]. Há muitos livros semelhantes; não é minha intenção discutir algum desses individualmente. Meu ponto é: Quando eles tentam sustentar uma crença em deus, seus argumentos não são melhores — e frequentemente são piores — do que aqueles de Aristóteles; e se alguma plausibilidade é encontrada neles, a razão é que a noção deles do que deus é, é tão vaga e ambígua que o leitor impõe as suas próprias idéias definidas. No contexto deles, os argumentos são virtualmente sem sentido. Além do mais, o deus vago dessas visões é inútil. Nada pode ser deduzido a partir de sua existência. Nenhuma norma moral segue uma definição de deus; nenhuma prática religiosa está contida numa descrição de deus.

Alguém pode ter certo respeito acadêmico por um ateísta que abertamente nega Deus e a vida após a morte. Ele diz claramente o que ele quer dizer, e ele usa o termo Deus em seu significado comum no português. Alguém pode ter quase tanto respeito pelo panteísta, embora ele não use o termo Deus em seu significado ordinário. Pelo menos Baruch Spinoza e outros identificam deus explicitamente com o universo. Mas qual pode ser nossa reação à visão do Professor H. N. Wieman? Ele insistia na existência de deus, mas para ele deus não é nem mesmo todo o universo — ele, ou aquilo, é apenas alguma parte do universo. A saber, deus é um complexo de interações na sociedade do qual dependemos e a cuja estrutura essencial devemos nos conformar se o valor máximo há de ser percebido na experiência humana. E então? Como essa definição de deus vai contra o *Catecismo Menor de Westminster*?² Portanto, os cristãos devem estar mais preocupados sobre que tipo de Deus existe antes do que sobre a existência de Deus.

² Nota do tradutor: Catecismo usado nas igrejas Reformadas para instruir os adolescentes na fé cristã. A resposta à pergunta 4 — quem é Deus? — é: “Deus é espírito, infinito, eterno e imutável em seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade”.

A Falta de Sentido da Existência

A princípio pode parecer estranho que o conhecimento do que Deus é seja mais importante do que o conhecimento de que Deus existe. Sua essência ou natureza sendo mais importante do que sua existência parece incomum. Existencialistas insistem que a existência precede a essência. Todavia, cristãos competentes discordam por duas razões. Primeiro, temos visto que os panteístas identificam deus com o universo. O que é deus? — o universo. O mero fato de que eles usam deus para o universo — e afirmem assim que deus “existe” — não é de nenhuma ajuda para o Cristianismo.

A segunda razão para não estar muito interessado na existência de Deus é de certa forma similar à primeira. A idéia de existência é uma idéia sem conteúdo. Estrelas existem — mas isso não nos diz nada sobre as estrelas; matemática existe — mas isso não nos ensina nenhuma matemática; alucinações também existem. O ponto é que um predicado, tal como existência, que pode ser atribuído a tudo indiscriminadamente não nos diz nada sobre qualquer coisa. Uma palavra, para significar algo, deve também não significar algo. Por exemplo, se eu digo que alguns gatos são pretos, a sentença tem significado somente porque alguns gatos são brancos. Se o adjetivo fosse atribuído a todo sujeito possível — de forma que todos os gatos fossem pretos, todas as estrelas fossem pretas, e todos os políticos fossem pretos, bem como todos os números na aritmética, e Deus também — então a palavra preto não teria nenhum significado. Ela não distinguiria algo de alguma outra coisa. Visto que tudo existe, existe é destituído de informação. Esse é o porquê o Catecismo pergunta “O que é Deus”?, e não “Deus existe?”.

Agora, a maioria dos autores contemporâneos são extremamente vagos quanto a sobre que tipo de Deus eles estão falando; e porque o termo é tão vago, o conceito é inútil. Podem esses autores usar o deus deles para suportar uma crença na vida após a morte? Nenhuma norma ética pode ser deduzida a partir do deus deles. Mais enfaticamente: o deus deles não fala ao homem. Ele não é melhor do que “o silêncio da eternidade” sem nem mesmo ser “interpretado por amor”. O ateísmo é mais realístico, mais honesto. Se vamos combater o último, precisamos de um método diferente.

A Resposta Apropriada

A explicação do segundo método deve começar com uma confrontação mais direta com o ateísmo. Se a existência de Deus não pode ser deduzida da cosmologia, temos nos desviado do peso da prova e deixado o campo de batalha nas mãos dos nossos inimigos? Não; há de fato uma resposta teísta. Superficialmente, ela não é difícil de entender; mas, desafortunadamente, uma apreciação completa de sua força requer alguma especialidade filosófica. Um conhecimento de geometria é de grande ajuda, mas ela é raramente ensinada nas escolas públicas secundárias.. Alguém não pode realisticamente esperar que os cristãos tenham lido e entendido Spinoza; e as igrejas protestantes usualmente amaldiçoam a clara e ordinária lógica aristotélica.

Em geometria há axiomas e teoremas. Um dos teoremas antigos é: “Um ângulo exterior de um triângulo é maior do que qualquer ângulo oposto interior”. Um mais antigo é o famoso teorema de Pitágoras: a soma dos quadrados dos outros dois lados de um triângulo retângulo equivale ao quadrado de sua hipotenusa. Quão teológico tudo isso soa! Esses dois teoremas e todos os outros são deduzidos logicamente de uma certa série de axiomas. Mas os axiomas nunca são deduzidos. Eles são assumidos sem prova.

Há uma razão definida pela qual nem tudo pode ser deduzido. Se alguém tentar provar os axiomas da geometria, essa pessoa deve se dirigir para trás de prévias proposições. Se essas também devem ser deduzidas, então deve haver prévias proposições, e assim por diante *ad infinitum*. A partir do que se conclui: Se tudo deve ser demonstrado, nada pode ser demonstrado, pois não haveria nenhum ponto de partida. Se você não pode começar, então certamente não pode terminar.

Todo sistema de teologia ou filosofia deve ter um ponto de partida. Positivistas Lógicos começam com a suposição não provada de que uma sentença não pode ter significado, a menos que ela possa ser testada pela sensação. Falar sem referência a algo que possa ser tocado, visto, sentido, e especialmente mensurado, é falar absurdo. Mas eles nunca deduziram esse princípio. É o axioma não-demonstrável deles. Pior ainda, ele é auto-contraditório, pois ele não foi visto, sentido, ou mensurado; portanto, ele é tão auto-condenado quanto absurdo.

Se os axiomas de outros secularistas não são absurdos, eles são axiomas apesar de tudo. Todo sistema deve começar em algum lugar, e ele não pode começar antes de começar. Um naturalista corrige o princípio dos Positivistas Lógicos e faz com que ele diga que todo conhecimento é derivado da sensação. Isso não é absurdo, mas ainda é um axioma empiricamente não-verificável. Se ele não é auto-contraditório, ele é pelo menos sem justificação empírica. Outros argumentos contra o empirismo não precisam ser dados aqui: O ponto é que nenhum sistema pode deduzir seus axiomas.

A inferência é esta: Ninguém pode consistentemente objetar ao fato do Cristianismo ser baseado sobre um axioma não-demonstrável. Se os secularistas exercem o privilégio deles baseando seus teoremas sobre axiomas, assim o podem também os cristãos. Se os primeiros recusam aceitar os nossos axiomas, então eles não podem ter nenhuma objeção lógica para rejeitarmos os deles. Consequentemente, rejeitamos a própria base do ateísmo, o Positivismo Lógico e, em geral, do empirismo. Nosso axioma deve ser: Deus tem falado. De uma forma mais completa: Deus tem falado na Bíblia. Mais precisamente: o que a Bíblia diz, Deus falou.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
felipe@monergismo.com

Cuiabá-MT, 12 de Outubro de 2005.